

O uso da planilha de dados no comentário esportivo: contribuições históricas de Ruy Carlos Ostermann¹

Carlos Gustavo Soeiro GUIMARÃES²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

Este artigo pretende recuperar, através de pesquisa histórica, uma criação de Ruy Carlos Ostermann, jornalista esportivo que atuou no rádio brasileiro por seis décadas: o uso da planilha de dados para o comentarista em uma transmissão radiofônica. Esse pioneirismo será o objeto do presente estudo, com a apresentação dos primeiros modelos formulados por ele através de material coletado no próprio acervo do jornalista. Busca-se, desta forma, identificar como funcionava esse procedimento adotado pelo profissional. Por fim, procura-se entender a evolução desse sistema para o tempo presente, uma vez que a organização dos dados de um jogo de futebol em uma planilha é uma prática cotidiana no rádio esportivo contemporâneo (GUIMARÃES, 2018).

Palavras-chave: História da Mídia Sonora; Jornalismo Esportivo; História do Rádio; Comentário Esportivo; Jornalismo de Dados; Ruy Carlos Ostermann.

Introdução

Fone, microfone, caneta e planilha. O material de trabalho de um radialista esportivo em uma transmissão de futebol possui esse adereço que é, na verdade, uma adaptação do famoso bloquinho de anotações do jornalista. A folha em branco é preenchida com as escalações das equipes, informações sobre a partida e recomendações que servem como um guia do jogo. Trata-se de um manual que orienta o profissional, ajudando-o a identificar os atletas e a situá-lo sobre os acontecimentos relevantes que fazem parte da disputa.

Ao comentarista, adiciona-se uma série de dados específicos que são coletados para servir de embasamento para sua análise. É um processo de sistematização dos dados e que compõem uma organização que busca identificar melhor cenários mais detalhados, que servirão como base daquilo que é a sua análise. Além das escalações das equipes, há outras informações na planilha do comentarista, como número de chutes a gol, escanteios, cobranças de falta e apontamentos do profissional sobre determinadas situações de jogo.

¹ Trabalho apresentado no GT História da Mídia Sonora, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com especialização em Jornalismo Esportivo pela UFRGS. Email: csguimaraes@gmail.com.

Ferraretto (2007) e Guimarães (2018) colocam que o primeiro modelo de planilha utilizado foi em 1966, na Copa do Mundo disputada na Inglaterra, por Ruy Carlos Ostermann:

É na Inglaterra [...] que Ruy Carlos Ostermann, ponderando prós e contras, sem deixar de reconhecer os méritos dos adversários, consolida-se [...], apresentando explicações para a péssima campanha da Seleção Brasileira – uma vitória por 2 a 0 na estreia contra a Bulgária e duas derrotas, frente à Hungria e a Portugal, pelo mesmo marcador de 3 a 1. No trabalho que realiza desde então, embasa seus argumentos, analisando a partida pelo número de arremates a gol, de chutes – fracos, com certa pretensão a exigir a intervenção do goleiro, ou muito fortes e bem-colocados, a obrigar grandes defesas –, de jogadas bem ou mal finalizadas, de escanteios cobrados ou cedidos, de faltas etc. Enfim, uma série de detalhes cuidadosamente planilhados que podem ser resumidos em uma única palavra: informação (FERRARETTO, 2007, p. 492).

A partir de uma pesquisa documental, foi possível ter acesso a estes primeiros modelos de planilha. Esta pesquisa tem a intenção, logo, de publicar esse material, identificando como funcionavam os procedimentos adotados por Ruy Carlos Ostermann, e verificar a evolução desse sistema para o tempo presente. Essa aproximação com o jornalismo de dados é uma das principais contribuições de Ostermann para a atividade de analista de futebol. Sem dispositivos tecnológicos para auxiliar no comentário, a planilha será tratada neste estudo como uma criação³. Foi o primeiro movimento de um profissional que sistematizou os acontecimentos de uma partida no sentido de organizá-los para serem utilizados como dispositivos que apontam situações e cenários em um jogo de futebol. Como a planilha é uma utilização cotidiana dos comentaristas, a intenção principal é recuperar o momento dessa criação, que revolucionou as práticas destes profissionais.

O comentário esportivo antes e depois de Ruy Carlos Ostermann

Ruy Carlos Ostermann nasceu no dia 26 de setembro de 1934, em São Leopoldo, na região metropolitana de Porto Alegre. Ingressou na imprensa esportiva em 1961, na *Folha da Tarde Esportiva*, uma publicação do grupo Caldas Júnior, que detinha, também a *Rádio Guaíba*. Formou-se em filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 1963 e passou a lecionar, como professor assistente, no mesmo ano. Também foi jogador de basquete no final da década de 1950. Passou a ter grande destaque como comentarista da rádio a partir de 1963, quando Pedro Carneiro Pereira assumiu a chefia de esportes da emissora (GUIMARÃES, 2018, p.82).

³ Como será abordado no desenvolvimento deste trabalho, o primeiro registro de comentarista esportivo que sistematizou os dados em forma de planilha foi, de fato, Ruy Carlos Ostermann. Portanto, este procedimento será apontado, aqui, como uma “criação”, no sentido de ter criado uma organização que até hoje é utilizada pelos profissionais da área.

A *Rádio Guaíba*, na época, embora uma emissora com pouco tempo de existência – a fundação é de 30 de abril de 1957 -, já tinha tradição nas coberturas esportivas. Ao menos três eventos foram marcantes para essa consolidação: as Copas do Mundo de 1958 e 1962 e a excursão do Grêmio à União Soviética em 1961. Com um ano de existência, o Mundial da Suécia foi, de acordo com Vampré (1979, p.128), um “atrevimento de concorrer, abertamente, com o rádio do centro do país”. Foi utilizada uma tecnologia chamada de *single side-band* (SSB), conforme destaca Ferraretto:

É a *Postes Télégraphes et Téléphones* (PTT), companhia estatal da Suíça, a responsável por tornar possível a irradiação intercontinental, utilizando uma tecnologia até então desconhecida no Brasil: o *single side-band* (SSB) ou banda lateral única, que seleciona a faixa lateral com menor interferência no ponto de irradiação, suprimindo as demais e gerando, desta maneira, um sinal de melhor qualidade. Da Suécia, na Região Norte da Europa, à sede da PTT, em Berna, no Centro-Oeste do continente, o sinal vai por via telefônica, e, de lá até o Brasil, por ondas eletromagnéticas de SSB. Além disso, o sistema montado permite à equipe da Suécia ter retorno do estúdio da Guaíba em Porto Alegre. (FERRARETTO, 2007, p. 482-483)

Em 1962, a equipe da Guaíba viajou para o Chile com os narradores Mendes Ribeiro e Pedro Carneiro Pereira, os comentaristas Amir Domingues e Adroaldo Streck e os repórteres Lauro Quadros e Ataíde Ferreira, marcando o início de uma cobertura sistemática de acompanhamento de futebol, chamada por Guimarães e Ferraretto (2016) como *fase do jornalismo esportivo* e acirrando a rivalidade entre a *Guaíba* e a *Rádio Gaúcha*, que também enviou profissionais para aquele Mundial (DALPIAZ, 2002, p.110). Um ano antes, Pedro Carneiro Pereira foi à União Soviética para acompanhar um amistoso do Grêmio contra a seleção local, tornando-se, no dia 11 de junho de 1961, a primeira emissora do Brasil a irradiar um jogo de futebol do outro lado da chamada Cortina de Ferro (FERRARETTO, 2007, p.489).

A *Rádio Guaíba*, portanto, já nasce grande. As três coberturas bem-sucedidas conferiram-lhe uma espécie de selo de qualidade, com a forte cobertura esportiva sendo uma das principais atrações da emissora⁴. É neste contexto que Ostermann chega à *Guaíba*, em 1962:

Lembro que, em 62, na Rádio Guaíba, que funcionava no andar de cima do prédio da Caldas Júnior, desceu o Jorge Alberto Beck Mendes Ribeiro, que era um dos organizadores da emissora, que é de 1957. [...], ele desceu até à redação e disse que

⁴ Além da forte cobertura esportiva, um outro episódio consolidou a importância da *Rádio Guaíba* como uma das principais emissoras brasileiras na época. Em 1961, a Guaíba formou a chamada *Rede da Legalidade*, em que o governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, defendeu no microfone da emissora, depois da renúncia do presidente Jânio Quadros, que o seu vice, João Goulart, assumisse a Presidência da República. A “campanha pela Legalidade”, como ficou conhecido o episódio, marcou a história da *Rádio Guaíba*, conhecida até hoje como a *Rádio da Legalidade*.

precisava de comentários de basquetebol. Naquela época tinha um campeonato em Porto Alegre com seis, sete clubes, de uma atividade intensa e uma alternativa para a cobertura esportiva. E então eu fui lá, pois o responsável pelos comentários também era colega meu de jornal, o Alberto Mates, que fazia cobertura jornalística, sobretudo de basquete. Achei interessante abrir uma outra perspectiva e me lembrei daqueles tempos lá de São Leopoldo quando eu comecei a fazer uns comentários de futebol, lá na rádio São Leopoldo, com o Brás Oliveira, queridos amigos. Então eu fiz esta pequena experiência e desci para a Redação e fiquei quieto no meu canto escrevendo os meus textos. Depois, ele me chamou e disse que queria que eu fosse comentarista da rádio. O Amir Domingues, que era o primeiro comentarista da época, e era uma pessoa muito querida, se revelou um grande amigo depois. Acabei sendo contratado como comentarista da rádio, e isto foi um mês ou dois meses depois de 62, desta experiência pequena com o basquete. Em 62, houve o segundo mundial do Brasil, no Chile, e eu estava começando, imagina que azar. Esta Copa do Mundo eu não pude fazer por estas razões bem compreensíveis. Depois, já em 66, eu fui o comentarista da rádio, na Inglaterra, minha primeira Copa. (VOZES DO RÁDIO, 2001).

Ao chegar em 1966 como principal comentarista da *Rádio Guaíba*, Ruy Carlos Ostermann passou a marcar seu estilo por conta de uma linguagem diferente do que o rádio produzia na época. Marcado pelo tom formal dos locutores e pelo discurso direto dos comentaristas, Ostermann começou a introduzir um vocabulário mais apurado, sem a rigidez dos profissionais que compunham o rádio na época. Por ter uma formação na área da filosofia e por ter origem no jornalismo impresso, ele passou a adotar nas transmissões uma característica que aproximava suas análises de uma crônica⁵ do cotidiano, com uma sofisticação em forma e conteúdo. O próprio Ostermann situa este período como a era do *rádio retórico*, “com um palavreado bonito, usando expressões cheias, redondas, que davam um colorido especial à frase” (OSTERMANN apud DALPIAZ, 2002, p. 103).

A atuação de Ruy Carlos Ostermann no rádio era uma espécie de extensão do que ele fazia no jornal. Colunista da *Folha da Tarde Esportiva* na época, ele levava às páginas esportivas estas referências da crônica tradicional, ampliando as temáticas e colocando em pauta outros assuntos que se relacionam ao esporte. Aqui, é mostrado um exemplo de como ele construía suas crônicas, que nem sempre atendiam ao que era factual, desviando o olhar para outras abordagens, com recursos literários e mais eruditos:

A radiofoto mostra Pelé com um belo sobretudo, de pé, num pequeno automóvel esporte vermelho. Com uma das mãos, levanta a taça Jules Rimet e com a outra, estendendo o indicador e o dedo máximo, faz o gesto que para Churchill significava “venceremos”, e para os hippies significa “paz e amor”. Pelé é um homem de hábitos pouco tradicionais, mas é bem possível que o gesto, mantido durante os momentos

⁵ Tem-se, aqui, o conceito de crônica como “uma composição breve, relacionada com cenas do cotidiano e, muitas vezes, faz crítica social, ou seja, ir a fundo para conhecer os sentimentos do homem. No Brasil, ganhou feição de “relato poético do real”, segundo Marques de Melo (2003, p.149).”

mais efusivos do cortejo pelo Champs Elisées, lembre as duas coisas. O Arco do Triunfo é visto às suas costas, e Pelé sorri.” (OSTERMANN, 1976, p.56).

A descrição de Pelé – e, na mesma crônica, de Brigitte Bardot – foi registrada por Ostermann em coluna no dia 31 de março de 1971. Era um texto sobre um amistoso internacional em Paris, em que o Rei do Futebol e a atriz francesa seriam os responsáveis pelo pontapé inicial da partida⁶. Como é possível notar, não há ali nenhuma apreciação técnica sobre o jogo, tampouco o significado mais concreto sobre a dimensão do acontecimento. É uma crônica, uma descrição, em que aquilo que se sobressai é uma construção literária, tradicionalmente utilizada antigamente pelos jornais e revistas, mas que, no rádio, não era tradicional.

Ostermann levou esse formato para as transmissões radiofônicas. Com isso, ganhou a alcunha de “professor”. Primeiro, por ter sido docente na disciplina de Introdução à Filosofia (ANDREOLA, 2017), tendo como seu grande mentor o professor Ernani Maria Fiori, autor da tese de doutorado “Metafísica e História”, concluída em 1963, mas que não teve sua defesa programada para o ano seguinte, por conta do golpe de 1964. A influência de Fiori⁷ foi fundamental para que Ostermann adotasse, além da linguagem, um ponto de vista diferente na análise esportiva:

Eu tinha uma virtude incomum até hoje: eu lia. Gostava muito de ler. Consumia ficção. A leitura me despertou o prazer da reflexão, ou seja, como as coisas podem ser reelaboradas, adquirir outro sentido, aumentar de tamanho e ter significado para outras pessoas também, não só para si. Soube desenvolver essa qualidade relativamente bem, o que me ajudou a abrir muitas direções. A filosofia encaixa aí. Não via, e continuo não vendo, incompatibilidade alguma em filosofia e futebol. (OSTERMANN apud OLIVIER In: GZH ESPORTES, 2016).

Essa é a primeira mudança estrutural que o radiojornalismo esportivo do Rio Grande do Sul sofre em meados dos anos 1960: ao contrário do que se tinha, uma mera observação dos acontecimentos de jogo com uma linguagem que era mais direta, com um olhar estritamente sobre o que ocorria nas partidas, Ruy Carlos Ostermann passou a ter um olhar em sentido mais amplo, agregando noções do seu conhecimento sobre filosofia, para tentar interpretar o jogo com novos elementos que se juntavam ao modelo já estabelecido. É por isso que seu companheiro de crônica na época, Lauro Quadros, classificou a história do comentário esportivo no rádio brasileiro desta forma: “o comentário esportivo divide-se em “antes e depois de Ruy Carlos Ostermann” (GUIMARÃES; FERRARETTO, 2018, p.217).

⁶ Cerimônia utilizada no futebol em que personalidades são homenageadas dando o primeiro chute do jogo.

⁷ Ernani Maria Fiori era muito próximo de Paulo Freire (cf. Andreola, 2017), com aproximações de abordagem, temática e estética entre os dois.

Em proposta de periodização do comentário esportivo no rádio de Porto Alegre, Guimarães e Ferraretto (2016) consideram que a entrada de Ruy Carlos Ostermann nessa atividade marca o início da *fase do jornalismo esportivo*, que sucede a *fase da crônica esportiva*. Não foi por conta de sua construção literária que houve essa mudança de modelo. Afinal de contas, suas análises tinham, em termos de linguagem, uma aproximação enorme com os cronistas, em sua tipologia fundamental (MARQUES DE MELO, 2003). A transformação que mudaria o modo de comentar no rádio brasileiro foi através de uma criação de Ostermann, que está em vigência até hoje, e que funciona a partir da lógica do jornalismo de dados. Trata-se da planilha do comentarista.

A planilha do comentarista: uma criação do “professor”

A figura do comentarista esportivo passa a ser rotina nas transmissões esportivas a partir dos anos 1950. O pioneirismo na função é atribuído por Soares (1994, p.53-54) a Blota Júnior, em transmissão da Rádio Cruzeiro do Sul, em 1940:

O locutor começou, no intervalo do primeiro para o segundo tempo, a passar o microfone para colegas da mídia impressa, com quem fazia rápidas entrevistas sobre o andamento da partida. Essas entrevistas evoluíram para uma apresentação de dados técnicos por um segundo locutor, que não comentava. Terminada as informações técnicas, o som voltava para o estúdio e a rádio tocava música até o início do segundo tempo. Havia poucos comerciais, um ou dois [...]. Nesse intervalo, o ouvinte podia desinteressar-se da irradiação, desligar o rádio ou mudar de estação e não ouvir o segundo tempo do jogo. Preocupado com essa possibilidade, quando passou a locutor titular da Cruzeiro do Sul, em 1940, Blota Júnior levou seu redator de esportes, Geraldo Bretas, ao estádio. “Para não devolvermos o som para o estúdio, ele passou então a fazer esse tipo de comentário”. Foi uma ousadia, avalia Blota porque “o Bretas tinha mil virtudes, mas entre essas não se incluía a da sua voz. No entanto, conhecia muito futebol”. (SOARES, 1994, p.53-54).

A partir da Copa de 1950, houve um estímulo para que as jornadas esportivas fossem incrementadas. O surgimento de cabines de transmissão nos estádios e o surgimento da televisão obrigaram o rádio a oferecer novas demandas para o ouvinte. Com isso, os comentaristas aparecem no rádio brasileiro nesta década. Com eles, também surgem os cronistas da imprensa escrita, como Mário Filho, Nelson Rodrigues, Armando Nogueira e João Saldanha, que iriam formar uma ideia de crônica esportiva, a ser reproduzida através das ondas do rádio e caracterizar sobremaneira o segundo período. No período, havia na análise esportiva a influência da mídia impressa. Com isso, conforme classificam Guimarães e Ferraretto (2016, p.7), o comentário esportivo em Porto Alegre nos anos 1950 inclina-se para a crônica, procurando, sem o rigor formal do texto jornalístico mais contemporâneo,

explicar as questões táticas e técnicas do jogo, predominando uma visão extremamente pessoal.

Os primeiros comentaristas no rádio de Porto Alegre surgem em meados dos anos 1950. Mas é a partir da década de 1960, com a popularização do rádio transistorizado, o *radinho de pilha*, que a audiência tem seu comportamento alterado, configurando um novo modelo de acompanhar uma partida de futebol. A possibilidade de, ao mesmo tempo, assistir ao jogo e ouvir às transmissões foi o fator preponderante para incorporar de vez às jornadas esportivas a figura do comentarista. Ele seria o responsável por analisar o jogo, interpretar os acontecimentos e, através de uma base, formular um juízo de valor sobre os fatos ocorridos em campo.

Os departamentos de jornalismo esportivo foram sistematizados. Com isso, a produção de conteúdo específico da editoria aumentou, tanto por demanda do público quanto pela configuração de como o rádio se estruturava na época:

O processo de produção foi ficando mais ágil, diminuindo a perda de tempo no preparo de uma transmissão; da mesma forma a especialização das tarefas dos profissionais, que faziam o rádio esportivo, foi necessária na estruturação dos departamentos dentro das emissoras. Se no início, um único profissional realizava diversas atividades, a nova organização passou a exigir mais especificidade e, assim, foram se formando equipes, com uma divisão espacial mais definida dentro das emissoras. O *narrador* deixa de ser aquele que era, também, o locutor comercial, e passa a ser o narrador principal. E assim, os postos de trabalho se segmentam, conforme a própria estrutura do mercado. Os profissionais ganharam espaço e valorização na programação, cada vez mais elaborada e comercializada. (DALPIAZ, 2002, p.87).

Neste período, as equipes esportivas das emissoras passaram a contratar profissionais oriundos da mídia impressa. É quando aparece a figura de Ruy Carlos Ostermann, em 1962, contratado da *Folha da Tarde Esportiva* para a *Rádio Guaíba*. Além da retórica sofisticada, que se tornou sua marca, uma outra contribuição, definitiva para reestruturar as práticas dos comentaristas, foi fundamental para que seu nome fosse marcado na história.

Em 1966, durante a Copa da Inglaterra, Ostermann teve a ideia de capturar os dados do jogo e colocá-los em uma folha, com uma organização em que eram preenchidos, além das escalações dos times, informações sobre os acontecimentos da partida. Dalpiaz (2002, p.105-106) descreve a situação do rádio esportivo da época e o impacto que a chamada *planilha do comentarista* teve sobre a análise do jogo:

Dentro da praxe habitual das coberturas radiofônicas de futebol [em meados dos anos 1960], sempre havia um comentário antes do jogo, um no intervalo, e por fim, um ao término que, de certa forma, correspondiam àquilo que o comentarista achava que poderia acontecer. Tratavam, sobretudo, da importância de um clube com relação a

outro, porém, não se atreviam a entrar em detalhes de treinos, formação de times, aspectos táticos, planejamento estratégico, ideias de jogo, sistemas de jogo, porque acreditavam que tais aspectos aborreciam os ouvintes. Ostermann, diante dessas circunstâncias, resolveu constituir uma planilha, na qual inseria minimamente uma série de informações sobre a partida que estava acontecendo. Esta *planilha de comentário*, uma vez introduzida, passou a ser utilizada por vários comentaristas e está até hoje em prática. (DALPIAZ, 2002, p.105-106).

A planilha muda a transmissão esportiva. Ao invés de um simples parecer diante de uma observação sobre o jogo, as análises passaram a ter apontamentos que tinham como base o jornalismo de dados. Ostermann (apud DALPIAZ, 2002, p.105) classificou aquele período como o de “impunidade do rádio”, em que, segundo ele, os registros de somente quem estava no estádio serviam como autorização para dizer como o jogo aconteceu. Até o momento em que surge a planilha, possibilitando que o ouvinte tivesse um cenário baseado em **dados**, além do ponto de vista subjetivo dos profissionais da imprensa.

As primeiras planilhas no comentário esportivo

O objetivo de Ostermann era, em um primeiro momento, fazer uma análise que rompia com os discursos mais fantasiosos e com a intenção de descrever com mais precisão os fatos de uma partida. Era a valorização da informação⁸ é a primeira aproximação do jornalismo esportivo com o chamado JGD – Jornalismo Guiado por Dados:

O JGD [*Jornalismo Guiado por Dados*] tem por objetivo, justamente, a produção, tratamento e cruzamento de grandes quantidades de dados, de modo a permitir maior eficiência na recuperação de informações, na apuração de reportagens a partir de conjuntos de dados, na circulação em diferentes plataformas (computadores pessoais, smartphones, tablets), na geração de visualizações e infografias. Principalmente, as técnicas de JGD permitem ao jornalista encontrar informação com valor noticioso em bases de dados com milhares ou milhões de registros, dificilmente manejáveis sem a ajuda de computadores. (TRÄSEL, 2014, p.291-292).

Evidentemente, não havia o auxílio dos computadores em 1966. A premissa, no entanto, é a mesma, uma vez que Meyer (1973) coloca a necessidade de um estreitamento entre jornalismo e ciência, dois campos que contêm as “mesmas raízes intelectuais” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p.80). Meyer queria empurrar o jornalismo na direção da ciência com o uso de planilhas, ferramentas de busca e análise de dados, gerando a possibilidade de uma verdade verificável. “Significa tratar o jornalismo como se fosse uma ciência, adotando método científico, objetividade científica, e ideais científicos no processo inteiro de comunicação de massa” (GEHRKE, 2016, p.5).

⁸ Neste sentido, informação objetiva, matemática e precisa, relacionada com dados.

Sem aportes tecnológicos, Ostermann começou aos poucos com a ideia:

Testei um pouquinho e depois adotei mecanicamente. Com base nisto que está à minha frente, e que eu vou preenchendo, tenho todas as informações do jogo em duas folhas. Então meu comentário, por força disso, ficou completamente diferente dos outros, eu não tinha que fazer uma frase de efeito. Eu partia do seguinte: o Grêmio foi superior ao Internacional por uma razão bem simples. O Grêmio chutou 22 vezes e o Internacional quatro. Vocês querem uma comprovação mais clara de uma diferença entre um e outro, que esta? [...] Tinha que dizer: o Grêmio domina, é insistente, tem mais volume. Tudo isso é verdade, só que o que faltava era dizer como que era isso. Então o comentário ficou revestido de veracidade. [...] Acrescento os números para comprovação material de tudo. (OSTERMANN apud DALPIAZ, 2002, p. 107)

Seu método funcionou. Aos poucos, introduziu estas operações nas coberturas radiofônicas. Seu primeiro teste foi no jogo entre Brasil e Bulgária, no dia 12 de julho de 1966. Foi a estreia brasileira na Copa do Mundo da Inglaterra. O *professor* montava suas planilhas em um diário, guardado em seu acervo até hoje. É, a partir deste diário, que as figuras abaixo reproduzem, a partir do material original, o pioneirismo de Ostermann com as planilhas:

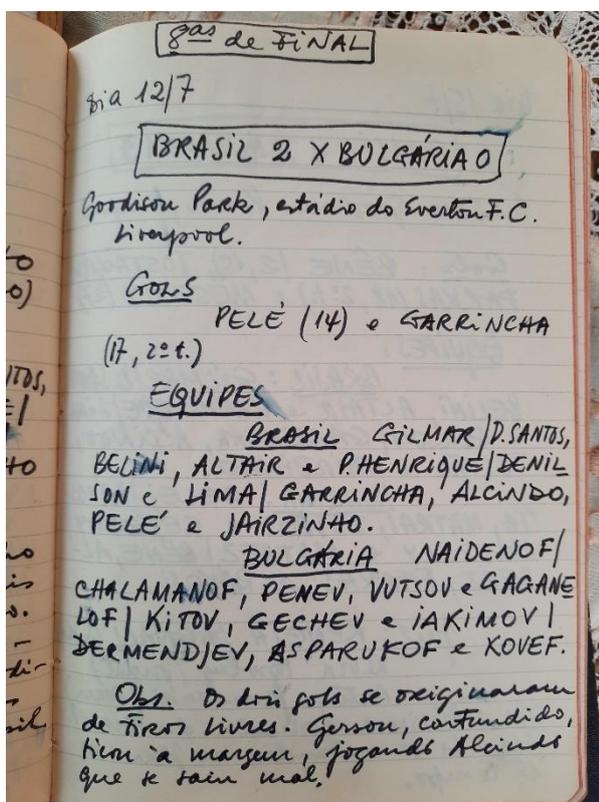


Figura 1: planilha feita por Ruy Carlos Ostermann para Brasil 2 x 0 Bulgária, pela Copa do Mundo de 1966. Fonte: acervo pessoal de Ruy Carlos Ostermann, foto do autor.

É possível identificar que a transposição dos fatos do jogo para seu diário ainda se dava de forma embrionária. Nesta planilha, os dados básicos do jogo estão descritos: a data, o local, as escalações, os autores dos gols e uma pequena observação sobre uma situação de jogo. O mesmo material se repetiria contra a Hungria, no dia 15 de julho de 1966:

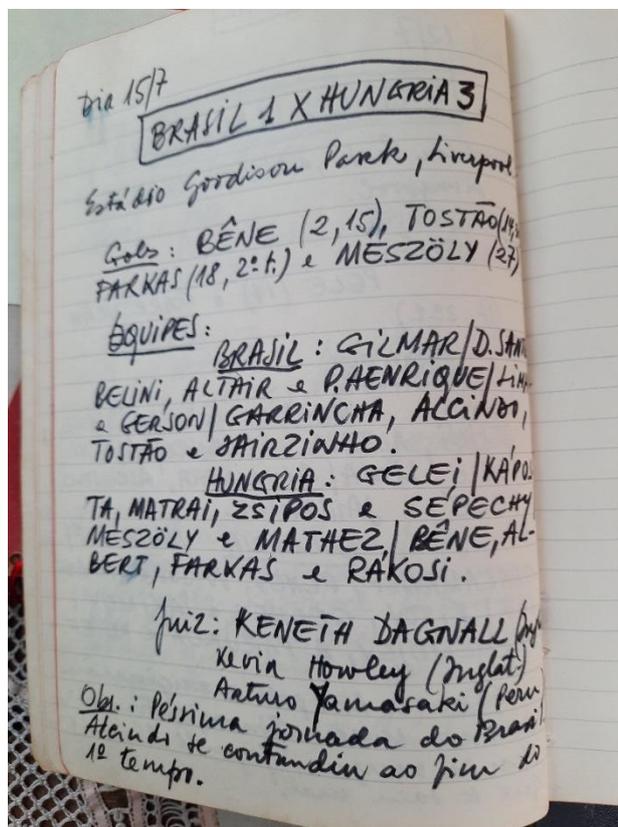


Figura 2: planilha feita por Ruy Carlos Ostermann para Brasil 1 x 3 Hungria, pela Copa do Mundo de 1966. Fonte: acervo pessoal de Ruy Carlos Ostermann, foto do autor.

O teste de Ostermann funcionou ao ponto de ele passar a utilizar a planilha em todos os jogos em que estava presente. Com o tempo, passou a sofisticar sua metodologia, apontando dados que não foram mostrados nesse material. A explicação de Dalpiaz (2002) revela a detalhada sistematização adotada por Ostermann:

[Sobre a planilha] Trata-se de compor, em uma folha simples, uma série de informações sobre a partida de futebol que se desenvolve. De um lado, o comentarista reúne as informações básicas: onde se realiza o jogo, nome do estádio, horário, nome dos dois times e suas escalações, o nome do juiz e seus auxiliares, dos jogadores reservas, deixando um espaço para o score da partida (primeiro e segundo tempos e final) e, outro, para os cartões amarelos. O lado oposto da folha é sempre dividido em duas partes, ou seja, uma parte para cada time. Diante dessa separação, discorre detalhando, primeiramente, os *arremates* do jogo, descrevendo o nome do jogador que chutou em gol ou cabeceou em gol, ou ainda, fez o gol. Para fornecer o resultado de uma soma de chutes e sua natureza, por exemplo, o jornalista criou uma espécie de legenda, descrita da seguinte forma: *Traço*: chute fraco sem importância; *Círculo*: chute com certa pretensão, que exige do goleiro; *Círculo quase preenchido*: chute

Em 1970, já houve um avanço no modelo. A planilha está mais colorida e com mais informações, como os arremates (chutes a gol), as defesas feitas pelos goleiros e o número de escanteios para cada equipe. Com isso, é possível que o ouvinte tenha situações mais precisas sobre o jogo e consiga, mesmo sem ver a partida, ter uma noção melhor sobre os fatos do confronto. Na primeira folha, estão descritas as escalações das duas seleções, com as substituições indicadas e com uma divisão tática que aponta para a divisão setorizada das duas equipes, com a distribuição de cada atleta de acordo com a zona correspondente que ocupa em campo – defesa, meio-campo ou ataque.

A planilha é utilizada até hoje, atualizada de acordo com padrões atuais. Os analistas produzem, por exemplo, tabelas que são preenchidas previamente, conforme cada jogo. Trata-se de um desdobramento da ideia de Ostermann, adaptada aos moldes atuais.

Competição	Fase	Estádio	Local	Data	Hora	Público
Brasileiro	25ª Rodada	Arena do Grêmio	Porto Alegre (RS)	15.09.2018	16:00	20.498

Grêmio-RS								Paraná-PR							
PG	J	V	E	D	GP	GC	Apr.	PG	J	V	E	D	GP	GC	Apr.
41	24	11	8	5	29	12	56%	16	24	3	7	14	11	31	22%

GRE 2-1 EST	GRE 4-0 BOT	SAN 0-0 GRE	INT 1-0 GRE	Últ. Jogos	COR 1-0 PAR	SPO 1-0 PAR	PAR 1-1 CHA	PAR 0-2 SAN
Tucumán (F)	Ceará (C)	Flu (F)	Tucumán (C)	Próx. Jogos	Atlét.-PR (F)	Vasco (C)	Flu (F)	Bahia (F)

Nº	Nome do Jogador	Cartões	Nº	Nome do Jogador	Cartões
48	Paulo Victor		1	Richard	
2	João Moura		2	Sílvio	
23	Paulo Miranda		3	René Santos	
26	Marcelo Oliveira		4	Ruyton	
23	Suninho Espinosa		6	Egor	
14	Kaua		5	Suandro Vilela	
32	Matheus Henrique		8	Alex Santana	
23	Alisson 70		11	Forlato 18	
10	Douglas 36		10	Luiz Henrique	
35	Pepê 11		7	Nelson 13	
27	Thony Anderson		8	Ricardozinho 20	
	Penazo Portallupi			Luciano Gisso	
31	Sean Pierre		20	Ortigosa	
11	Everton		18	Marcosel	
70	Marinho		18	Felipe Augusto	

Arbitros	RS	RS	RS
Igor Junio Benevenuto	Felipe Costa de Oliveira	Ricardo Junio de Souza	

Anotações dos Lances Perigosos do Jogo	
13	Moura bate e Espinosa que passa p/ Thony bater em Richard
24	Alisson tabela e Douglas entra na área e chuta por cima
36	João Moura cobra escanteio e Alisson chega, mas Richard salva
36	Espinosa tabela e mira o ângulo, mas chuta por cima
5	Escanteio de Alisson encontra Paulo Miranda, que cabeceia p/ fora
6	Pepê esse jogada na área e envia p/ Alisson, que domina e chuta na rede
8	Douglas bate no meio o pênalti coberto por Alisson
10	Richard chega em Kaua, que bate na rede por fora
11	Alisson cobra p/ Suninho Espinosa, ele cabeceia ampliar
26	Sílvio recua e envia e Everton encabeça o pé, mas por cima
36	Espinosa bate Everton e Thony, duplente, tenta passar e desperdiça

Figura 4: planilha feita por Cristiano Oliveira⁹ para Grêmio 2 x 0 Paraná Clube, pelo Campeonato Brasileiro de Futebol de 2018. Fonte: acervo pessoal de Cristiano Oliveira.

A planilha demonstrada contém: dados do evento (competição, fase da disputa, estádio onde o jogo acontece, cidade, estado, data, horário e a informação final do público presente); um breve retrospecto das duas equipes; projeção dos próximos jogos; informações

⁹ Cristiano Oliveira é comentarista da Rádio Guaíba, de Porto Alegre.

sobre a tabela de classificação (pontos de cada equipe, número de jogos, vitórias, empates, derrotas, gols marcados, gols sofridos e saldo de gols); escalação dos times com numeração; espaço para marcação dos cartões amarelos e vermelhos que cada atleta porventura possa levar; informações sobre o trio de arbitragem e a descrição dos principais lances do jogo, com o tempo marcado.

Comparando as duas planilhas, é possível dizer que, com a diferença de 48 anos entre as duas, elas apresentam, essencialmente, as mesmas intenções. Há uma atualização que é trazida para os tempos atuais. Com a utilização de softwares e aplicativos que indicam dados que fogem ao olho humano, como a posse de bola de cada equipe¹⁰ e o mapa de calor¹¹ de cada atleta em campo, os comentaristas, cada vez mais, utilizam-se de dados para embasar suas opiniões. Com isso, evita-se que a análise esportiva fique apenas no campo das impressões, uma vez que tais dados servem para que o comentarista apresente dados precisos sobre o que acontece em campo, interpretando-os e, por fim, emitindo sua opinião. Trata-se do *comentário esportivo contemporâneo* (GUIMARÃES, 2018), que tem, como base fundamental, a criação de Ruy Carlos Ostermann em 1966.

Considerações finais

Durante a produção da dissertação de mestrado chamada *O comentário esportivo no rádio de Porto Alegre: uma análise das novas práticas profissionais na fase de convergência* (2018), havia a intenção de buscar as planilhas de Ruy Carlos Ostermann, como forma de ilustrar o que considerei o marco inicial do comentário contemporâneo. Através de uma pesquisa no acervo pessoal do *professor*, o material foi achado e disponibilizado para a produção deste artigo. Trata-se de uma descoberta que esclarece, através do documento fielmente mostrado, como que se deu seu pioneirismo e como houve uma evolução na sua planilha, mesmo no curto período de quatro anos entre 1966 e 1970.

É possível identificar uma simples planilha, como as que são utilizadas até hoje pelos comentaristas, como foi visto através do modelo cedido por Cristiano Oliveira, profissional da Rádio Guaíba. Registrar fatos do jogo numa simples tabela parece uma obviedade hoje em dia. Entretanto, quando o rádio ainda era a única fonte de transmissão de um jogo e com novidades tecnológicas que eram lançadas na década de 1960, houve a necessidade de

¹⁰ Tempo, medido em porcentagem, que cada equipe fica com a bola em uma partida de futebol.

¹¹ O mapa de calor monitora as regiões do campo nas quais os jogadores mais tocaram na bola. E, assim, ele apresenta um diagrama colorido de cada atleta.

produzir algo que absorvia uma carga mais precisa de informações que seriam repassadas aos ouvintes. Quando eles passaram a ver o jogo e simultaneamente ouvir às jornadas esportivas, automaticamente foi possível confrontar a visão do comentarista. Mas não é possível contestar dados. Estes fugiam à observação do torcedor comum e eram apresentados como uma forma de significar o jogo através de cenários desenhados pelos números. Como dizer que um time está melhor se a matemática aponta que este não chutou a gol e que o outro já realizou quatro arremates?

A planilha do comentarista reduziu a subjetividade no comentário e introduziu, a partir daquele momento, os dados como fonte de informação. O analista passou a interpretar esses dados e não mais recorrer às suas subjetividades para construir suas opiniões. Até hoje, a planilha é um material obrigatório para estes profissionais, que, com as atualizações necessárias que cada tempo exige, é, ainda, a principal base para interpretar os acontecimentos de uma partida de futebol. A criação de Ruy Carlos Ostermann foi definitiva e, de fato, mudou o comentário esportivo radiofônico. A relevância de ilustrar, a partir de seus diários, como ele procedia quando inventou esse dispositivo, serve também para mostrar que pouca coisa mudou. É possível dizer que o *professor* foi um visionário, ainda mais quando se compreende uma contribuição que marca o ofício, transforma o modo de se fazer, reinventa a prática e, sobretudo, configura um hábito.

Ruy Carlos Ostermann utilizou o mesmo modelo até deixar a função de comentarista, em junho de 2011. Seu legado permanece entre os analistas no rádio brasileiro, adaptando-se aos contextos de cada época e incorporando novos elementos à tradicional *planilha do comentarista*. Um legado irreversível e que, ao ser visto em forma de imagem, folheando seus diários e pesquisando seus métodos, materializa-se de forma sólida como uma das invenções mais importantes para o rádio esportivo em todos os tempos.

REFERÊNCIAS

- ANDREOLA, B. A. (2017). Paulo Freire e Ernani Fiori: uma longa parceria pedagógico-política. In: **REMEA** - Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental, p.6–24.
- DALPIAZ, J. G. **O futebol no rádio de Porto Alegre: um resgate histórico (dos anos 30 à atualidade)**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- FERRARETTO, L. A. **Rádio e capitalismo no Rio Grande do Sul: as emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século 20**. Canoas: Editora da Ulbra, 2007.
- GEHRKE, M. O uso de dados na perspectiva do jornalismo como forma de conhecimento: a experiência do Diário Gaúcho. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 39, 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

GUIMARÃES, C. **O comentarista esportivo contemporâneo: novas práticas no rádio de Porto Alegre.** Curitiba: Appris, 2018.

GUIMARÃES, C. G. S; FERRARETTO, L. A. O comentário esportivo no rádio de Porto Alegre: uma proposta de periodização histórica. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 39, 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

_____. Lauro Quadros: “É isso aí e mais meio quilo de farofa”. In: **Perfis da comunicação: trajetórias profissionais no Rio Grande do Sul / Grupo de Pesquisa em História da Comunicação da Fabico/UFRGS.** Florianópolis: Insular, 2018.

KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T. **Os elementos do jornalismo: o que os profissionais devem saber e o público deve exigir.** Porto: Editora Porto, 2001.

MARQUES DE MELO, J. **Jornalismo Brasileiro.** Porto Alegre: Sulina, 2003.

MEYER, P. **The new precision journalism.** Bloomington: Indiana University Press, 1991.

OLIVIER, D.. **Ruy Carlos Ostermann: “Não vejo incompatibilidade entre filosofia e futebol”.** In: GAÚCHAZH, site oficial, Porto Alegre, 2016.

OSTERMANN, R. C. **A paixão do futebol: do amador às escondidas.** Porto Alegre: Movimento, 1976.

SOARES, E. **A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo.** São Paulo: Summus, 1994.

TRÄSEL, M. **Entrevistando planilhas: estudo das crenças e do ethos de um grupo de profissionais de jornalismo guiado por dados no Brasil.** Porto Alegre, 2014. Tese de doutorado (Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

VAMPRÉ, O. A. **Raízes e evolução no rádio e na TV.** Porto Alegre: Feplam/RBS, 1979.

VOZES DO RÁDIO. **Ruy Carlos Osterman.** Porto Alegre, set.2015.